

ANNO I

SABBADO 11 DE ABRIL DE 1868

N. 45



# EGUINHO FOLHA JOGO - SERIA - ILLUSTRAADA PUBLICA REVISTAS, CARICATURAS, RETRATOS, MODAS, VISTAS, MUZICAS, ETC. ETC.

ASSIGNA - SE  
RUA DO OUVIDOR  
59 SOBRADO  
PREÇOS.

COTAS	PROVÍNCIAS
Um mez . . . . .	250000
Trimestre . . . . .	580000
Semestre . . . . .	1080000
Anno . . . . .	2000000

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

POR Amédée Achard.

(Continuação.)

CAPÍTULO XIII.

AN DUAIS PRIMAS.

O marquez de Pardaillan, para cuja companhia a fortuna guiava Adrianna, morava n'um vasto castelo proximo de Gothenburg. Posto que ainda não fosse velho, tinha entretanto o marquez todos os cabellos brancos, e um certo ar de autoridade, que dominava quantos se acercavam delle. Estabelecidu na Suescia desde muito tempo, occupava um posto importante no violento exercito, que tão gloriosamente acabava de bater-se com o da Polonia, posto que alcançara mais pelo seu proprio merecimento do que pelo seu brillante nome e avultada fortuna. Enfermidades adquiridas em longa e penosa campanha obrigarão-o a renunciar ao serviço activo. Pelo fasto da vida, procurava elle consolar-se da inação a que se via forçado. Sua filha ajudava-o a fazer os honras do castello, sempre aberto a quem quer que tivesse um nome ilustre ou um posto no exercito do rei Gustavo Adolfo.

O marquez de Pardaillan abriu os braços a Adrianna e apresentou-lhe uma moça, que se conservava timidamente a pé atrás delle:

— Minha filha, Diana da Pardaillan. Amei-a como se fosse sua irmã.

Diana abraçou a Sra. de Souvigny, dizendo-lhe com voz inérgia:

— Quer ser minha irmã?

Reinaldo sentiu uma commoção, inteiramente nova para elle, agitar-lhe o coração, e mormurou sem perder de vista a filha do marquez:

— Agora, creio nos scrupulos!

Armando admirou-se de não ser recebido com a cordialidade que julgava merecer, visto ser parente do dono do castello. Ao subirem a escada, o Sr. de Pardaillan disse, carregando de leve o sob'olho:

— Há bastante tempo que espero minha sobrinha.

Armando bem comprehendeu o atento destas palavras. Assim acabava uma odyssea que, apesar dos perigos a que o havia exposto, tinha deixado na seu coração tão grutas recordações! Foi um sonho que passou; a triste horn da realidade começava a soar. Tantas vezes salvára Adrianna para perdê-la agora para sempre!

O marquez, ignorando a causa da pallidez, que notava no semblante de Armando, perguntou-lhe com simpatiz:

— Então, não responde?

De La Guerche cobrou animo e respondeu fitando o seu interlocutor:

— Creio que o Sr. marquez viu o conde de Pappenheim.

— Não o vi, mas escrevi-me, replicou o fidalgio attonito.

— Bem o suspeitava eu. Mas em vez de imitar o grande marechal do Imperio Alemao, direi simplesmente: Clamo-me o conde Armando de La Guerche, e afirmo que nenhô quem ousar pretender que meu nobre e honrado avô, o Sr. conde de Charnailles, e eu, nem trâmitos sempre a Sra. de Souvigny com todo o respeito de que ella é criadora.

Reinaldo acrescentou:

— E eu, marquez de Chaufontaine, estou também prompto a atrair minha luva, a quem tiver a coragem de sustentar o contrário.

O marquez de Pardaillan, que era bom physiognomista, sorriu com amabilidade e disse:

— Entre, meu primo; entre, Sr. marquez.

Armando e Reinaldo acercaram a hospitalidade que lhes era oferecida; mas as moedas de ouro que o Sr. de Charnailles dera a Armando, e as que Reinaldo trouxera, haviam sido semeadas em profusão durante a jornada; poucas já restavam nas suas bolsas e a vida era muito despendiosa no castello de São-West. Armando lembra-se que toria de voltar um dia para França, e que nem sempre se encontravam homens como o excellente Abraham Cabelau. Como fariam elles a viagem sem dinheiro!

Entretanto não era isto o que mais affligia Armando. Continuava a ver Adrianna, mas via-a menos vezes e com menos liberdade. Na meza do marquez de Pardaillan, tão profusa e delicada, não se sentava ao lado della, como no Grande Fortelle; ento tinha saudades nôo só da estalagem do Pato de Ouro, mas até da da Cruz de Malta, onde vira de tão perto a morte.

Demais já nôo estava só ao lado della, São-West era o castello mais frequentado n'aqueellas vinte legas mais proximas. Todos os dias appareciam novos visitantes, homens de espada e de tóga, magistrados, governadores, generais. Entre elles, algumas demoravam-se no castello bastantes dias, e nem todos tinham a cabeça coberta de cans como o Sr. de Pardaillan.

Um dia Adrianna mais tempo do que é preciso para saudar uma pessoa que se não conhece; outros chegavam a declarar em alta voz, que ella era encantadora e digna de ser admirada em Stockholm.

Houve um que disse ao marquez:

— Tinheis uma perola; tendes agora duas!

Ouvindo estas palavras, lembrou-se Armando de

(Continua na pagina 179.)

A VIDA FLUMINENSE



UM PESADELO HORRIVEL.



Episodio da guerra do Paraguai a bordo do *Lima Barros* durante a abordagem de 2 de Março.

[copiado fielmente da Semana Ilustrada]

Por engano, em vez da torre do enorável fizerão o chapéu do Srº C. Ottoni!

Era a companhia assim tão má, que não oferecesse incentivo à concorrência?

Pode negar-se que havia níl alguma artista de mérito inencontrável?

Ponhamos para a direção trespouseada do Sr. Lá-brunho—mas a partir do momento, em que a empresa passou a outras mãos, não se deram no Eldorado espetáculos, onde a par de espirituosos *caudecilles*, se ouviam operetas de música arrebatadora, e intermeadias, a que se podia unir o nome de verdadeiros concertos?

A redacção das «chronicas theatraues» sente profundamente a queda do Eldorado; tanto mais, que de envolta com ella, vio os favores de um homem activo e laborioso, que luctou tenaz e corajosamente com a adversidade que o ameaçava e de que foi vítima final.

\*\*

Sabem quem lucra com o desmoronamento moral do teatro da rua da Ajuda?

O Sr. Arnaud, o director fino e inteligente, que não perde a occasião de atrair para o seu Alcazar, os melhores artistas da *fimada* companhia do Eldorado.

Antoinette, já faz parte do templo dos Paphos da rainha Vália; e garante-me o nosso redactor em chefe, homem para quem não ha segredos, que a Dauran está disposta a aceitar as propostas vantajosas que lhe são feitas.

Enquanto porém o negocio não se realiza, a Duarri, Arsené, Tristler e Oliva, vão dar algumas representações no theatre da pitoresca Petropolis. E' de crer, que os petropolitanos recebam os artistas viajantes, com o entusiasmo, que forçosamente lhes disperterá o talento relativo de cada um deles.

## UM PASSEIO AO JARDIM

PELO

DR. MOÇO BONITO.

(Continuação.)

Enfim surdiu a gondola!

E' difícil pintar o desapontamento dos namorados, que vieram presos a terminar-se esse dia, de tão fúnebris esperanças! Os meninos, mal lobrigaram o veículo, acercaram com os lenços, a mais não poder, e gritaram desesperados:

— Pára! Pára!

O velho olhou impaciente e desconfiado; Brigida

engomionou-se toda, para ver se havia lugar e Guilhermina conservou-se muda e quieta... Podera!

O cocheiro, que já conhecia essa gentinha, gritou:

— Nem tanta sofreguidão, meus amigos. Isto não vai a matar!

E quando passou a gondola, o recebedor enfiou o dedo na boca e exclamou com força:

— Fiquem claudicando no dedo!

Os rapazes, que iam dentro, completavam a lotação, clamando como desesperados!

Um sorriso de satisfação pairou no rosto das moças, que olharam-se ternamente...

Ambrosio abriu a boca, de pasmo, e houve um momento, em que passando gradualmente à misericórdia estupefacção, ficou com cara de palmo e meio!

## XII.

O velho entrou *enfado* para a sala de visitas, atirou-se em um sofa e de mão no queixo, dava tratos à imaginação para descobrir o meio fácil e prompto de partir bem cedo. Toda a família observava absorta para esse *centro de luz*, para essa entidade paterna, quando de repente uma contracção nervosa alterou a plisionomia de Ambrosio.

— *Tenol-a travada!* disse Brigida baixinho.

Um movimento geral de nücedade, parecia querer decifrar o que se passava naquela cachidá! E já o nosso bom homem abria a boca, para proferir uma sentença, quando entrou essa hespanhola, que os leitores já conhecem de *relance*. A mulher requebrava-se toda e foi sentar-se junto às moças, que a receberam com um gosto de repugnância.

Gomes espalva...

Brigida era toda pasmo...

E Guilhermina exclamou:

— *Gentel!... Vossas já viram??*

Ambrosio franziu o sobrolho e dirigindo-se às filhas, com um acceno imperioso:

— Retirem-se, meninas!

Não houve que vacilar! Sahiram todas, mas é forçoso confessar, ficaram à espreita pelas portas.

— Admira, disse Ambrosio a Gomes, que o senhor patrocine a entrada dessa mulher, em lugar onde se acham pessoas finas e de trato!

A hespanhola ergueu-se como uma víbora:

— *Pero todavia, caballero...*

— *Pró?... pois a senhora chama-me páro?...*

E investiu para a mulher...

Brigida, felizmente, chegou a tempo de segurar-se com quanta força tinha nas abas do paletot de Ambrosio e evitou desse modo, alguma cena de precipitação.

— Deixe-me, senhora... não me perceperei...

E hespanhola não poude... desfer-se toda em riscos!

Gomes teve a feliz idéia de retorná-la da sala, sem evitar entretanto, que ela dissesse entre risadas e fazendo uma careta ao velho:

— Pero, cabellero, pero!!!...

Coitado! o pobre Ambrosio já não cabia em si de desespero e para desenvergundar-se *cinhou* de Brígida, den-lhe tal empurraço, que ela foi cair exangue sobre uma cadeira de braços!

Accediu logo toda a família, que teve o dom do senhor, só com a sua presença, a exaltação do velho.

Neste interium entraram os rapazes e começaram a fazer temível algazarra.

Com mil bombas, camaraças, tocos a dançar e folgar! — exclamou João Briz, a endireitar o seu formidável collarinho.

— Sem mais demora! — grita o commendador, empurrando Amaro Marques para o piano.

Amaro, *mastigando* o charuto, sentou-se no piano, e, a pedido geral, tocou uma quadrilha. Era o *Orpho*.

— Sr. Ambrosio, — diz a Madama, aparecendo à porta da sala, — mandei buscar um carro, que só chegará às 8 horas.

— Está bem .... obrigado!

O commendador, como maior influente, exigiu o concurso das moças, e foi nomeada uma comissão para *segir* esse favor do Sr. Ambrosio.

O velho acquisceu de bom grado.

— Tirem paix! — grita João Briz, batendo palmas. A Nêne dançou com o commendador.

Guilhermina com Roberto.

Josépha com Arthur.

E o diplomata com João Briz.

— Isto está escandaloso! — disse, á meia voz, o Dr. Mogo Bonito, quando Guilhermina passou de branco com Roberto.

— Achá? — disse a moça.

— Olhe que a Iráveja matou Cain, caro doutor! — disse Joséphina, passar.

— Pôde ser, mas eu não matava o irmão por tão pouco!

— Quer dizer que eu não pago a pena? — disse Guilhermina.

— E' a senhora quem o diz! — atalhou logo o doutor.

— Ah! ah! ah! E' verdade, doutor? — perguntou a Nêne.

— Ora, ainda você duvida! — diz o commendador — converte-se hoje, e é a última vez que se associa às nossas pandeguis! Tome nota!

— E por que?

— Por fastio! — disse o doutor.

— Ah! ah! ah! Estão verdes, meu rico!

E João Briz bateu sofragamente com as mãos:

— Basta de fingardelice!

O piano começou a tocar o *Orpho*.

O Dr. Mogo Bonito assistiu de pé, animando e excitando o entusiasmo geral.

— Brava! muito bem! — gritava elle a cada medida de gosto, e cada passo extravagante.

Brígida estava mais satisfeita.

E Ambrosio, todo encabulado, tinha os olhos parados, a fisionomia imóvel, e parecia reconsiderar atentamente todos os tristes episódios desse dia azaigo, de tão duros e treinendos deceções.

O Dr. Mogo Bonito, mal deu fé do pasmo do velho, passou rápido como uma seta, e gritou-lhe ao ouvido.

— C'est la fatalité!!!

(Continua.)

## A VIDA FLUMINENSE

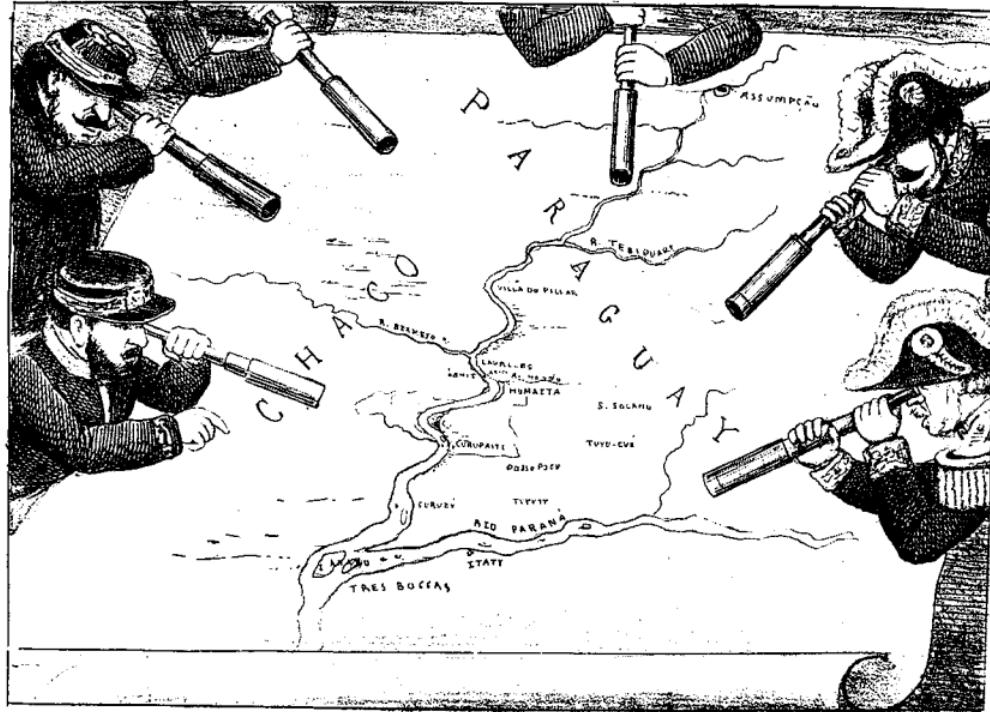
Os proprietários deste semanário publicam anúncios ilustrados pelos preços seguintes:

Mola página com desenhos à lapis ou a pena... .	3.000
Página inteira.....	6.000

A pessoa que encomendar um anúncio ilustrado da mola página terá direito, além da publicação no corpo deste jornal, a reprodução em avulso com exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco.

Aquele que encomendar um anúncio de página inteira receberá conto e cinquenta exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco e de coroa, e terá igualmente direito à publicação do supracitado anúncio.

Anúncios escritos — 150 re. a linha.



### GUERRA DO PARAGUAY.

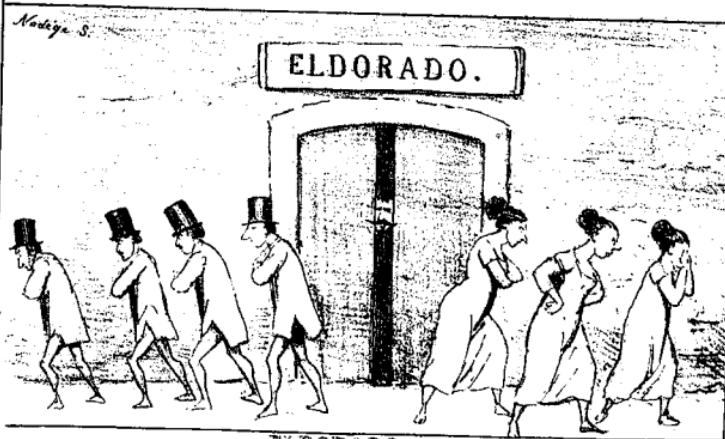
Onde estará Lopes? Onde estará Lopes?!! Onde estará Lopes?!!!

## A VIDA FLUMINENSE



O ESTENASIO VINDO DE S. PAULO.

Ah, academicos de uma figura! Em que estado puzerão meus pobres bonecos!



ELDORADO.

Agora, mais do que nunca, preciso de alfaiate. Assim, mais vale estar atraç do paum do que no meio da rua

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1898.

Onde estaria Lopez ?  
Eis a pergunta que corre do bocca em bocca, em todos os recantos do Brasil e das republicas do Prata.  
Dizem uns que está na Bolívia;  
Outros no Tchilemby;  
Outros em Assumpção;  
Outros em Villa-Rica;  
Outros no Chaco;  
Outros escondido dentro de alguma peça de grosso calibre;  
Outros dentro de um vestido de Mme Lynch;  
Outros.....  
Eu penso que ele está em.... *Calças Pardas*, lugar onde não deve achar muito bom commodo, dizem as más linguas.

O denodado oficial da armada brasileira, que primeiro transpõe os correntes de Humaitá, o capitão de fragata Arthur Silveira da Motta é esperado no Rio de Janeiro por todo este mez.

Assoguram que houve no Alcazar, ultimamente, guerra intensiva, promovida por não sei que Marin da Fonte. O que é facto é que quebrou-se a entente cordiale entre o empresario e os artistas.

Ouví rosnar que partem muitas e muitas para o Rio da Prata.

O que for soará.

E o Eldorado que em poucos mezes fez duas fallências !

Sem Alcazar e sem Eldorado que será dessa imensa pleia de velhos gaiteiros, *petite crecés*, caixeiros de bons amos, Magdalenas ainda não arrependidas e *tutti quanti* frequentavam os jardins das ruas da Uruguayana e Ajudá ?

Dauran, Arsène, Olive e Triolier já foram em demanda de Petrópolis, onde tenciam delituar os enregelados ouvidos de quem por lá ainda se acha nesta quadra de defluxos.

Chegou a companhia do Gymnasio, dirigida pelo mestre Furtado Coelho.

Festejado, sim, senhoras ! principalmente em S. Paulo, onde *Bocambide* e *Renoso Vito* foram recebidos nas palminhas das matos.... e dos pés.

Mas Furtado Coelho, que é finorio, conhecendo a bona vontade, com que todos o applaudiam, salvou-se numa taboinha, lancando mão de um drama composto por um académico.

Chama-se o drama *Os Destinos* !

Houve quem leesse — dez tinos — e afirmasse que o empresario-coprophone ficava agora com onze tinos, isto é : um que já dizia ter e dez que pediu por emprestimo ao dramaturgo novel.

Ora com tanto tino vai-se muito longe !

Encerrou-se a exposição da Academia de Belas Artes. E eu que nem sahia que ella estava aberta !

Acham-se no prêto dous novos livros. Intitula-se um: *Lituicas fugitivas — Contos da Rota* por Emilio Zahnar.

O outro é um drama que o intelligent artista Pimentel escreveu e fez representar out'or'na pela companhia do Atheneu Dramatico.

O primeiro dispensa qualquer recommendation ; o nome do autor basta para patrocinal-o.

O segundo já foi applaudido polo publico.

Ambos os livros são impressos na typographia do *Diário do Rio*.

Por falta de espaço deixamos de publicar hoje uma carta do nosso correspondente de S. Paulo.

Para que chegue ao conhecimento de todos, registro aqui duas cartas que me parecem curiosas.

A primeira foi escripta por um voluntario da patria, no dia seguinte da tomada do *lo Estabelecimento*; a segunda é, nem mais, nem menos, resposta da primeira. Para maior clareza corrigi os erros ortographicos, respeitando sempre a beleza do estilo. Ahí vao elas:

\* Meu pai.

\* Pego um lenço para lhe dizer que estou vivo, o que talvez não possesse comunicar se tivesse esticado a canella. É verdade que quasi todos da minha companhia morrerão, pelo que fiquei muito triste, mas no dia seguinte, tendo a relação dos que tinham escapado, vi que meu nome lá estava, o que me fez dar dois pulos de contente, e creio que meu pai também furtô o mesmo. Meu pai costumava dizer que em mentia por quantos dentes tinha na boca; não vá agora pensar que tudo isto é mentira minha, porque estou vivo e bem vivo, e mesmo acho que com estas coisas não se deve brincar. \* Por causa das duvidas provinhas que não acréditei mais em ninguém, e que espere por outras minhas, porque eu mesmo é que lhe hei de participar tudo, e só creia na minha morte, quando eu lhe disser: morreu seu filho.

\* José.

Resposta dada pelo pai;

\* Meu filho

\* Pego um lenço para comunicar-te que tua mãe e eu rimos-nos como perdidos, quando soubermos do luto que nos tinham pregado com a notícia da tua morte. Já tínhamos encomendado uma missa pelo descanso de tua alma, e o nosso vigário quer por força dizer-a, assegurando que são uns intrigantes que andam espalhando a notícia que não morreste. Mostrei-lhe tua carta, respondem-me que podias ter o escrito distorcido, sem te lembrassem que não estava tardada de preto. Apercebidas pelos seus argumentos, deixei-o dizer a missa, a qual deuvalo valendo para a primeira vez em que fores devêmas d'esta para a melhor.

\* Contar-me que ten commandante fôrta ferido cinco vezes, mas que, felizmente, só duas de suas feridas é que são mortais, prometendo o cirurgião polô perfidamente bom das outras trez. Deus o queira! pois elle é bem bom moço, e mesmo porque, se morresse, seria muito incommodo para nós, quando fuissemos com elle, estarmos a dizer-lhe: — vossa finada sentoria.

\* Meu filho, já me tens custado bem bons cobres! ainda achavas que era pouco e vieste agora fazer-nos comprar roupa de luto? Paciencia: não ha sacrifício que um pai não faça por amor de seus filhos, porém de que me custa mais é ter de andar de luto em tempo de calor, o que me faz ficar todo assado nas juntas.

\* Adeus, meu José, não te esqueças de prevenir-me logo o que aconteça alguma desgraça. Diz-me com

franqueza quando souberes que estás verdadeiramente vivo ou morto. Eu gosto de saber estas coisas da fonte limpa e quem é mais limpo do que tu? No mais, não ha quem duvide que sou ton' pai e que te abençõo com a mão esquerda, estando com a direita muito rheumatica.

\* MANOEL JOSÉ. \*

### THEATROLOGIA.

Embora o paiz esteja empenhado n'uma luta terrível, da qual depende a sua honra e dignidade; embora as circunstâncias financeiras da população se achem por demais abaladas com os sacrifícios de dinheiro, a que é forçoso recorrer todos os dias; embora a inconstância da atmosfera tenha sido poderoso incentivo ao desejo de passar as noites em casa, nemhuma dessas coisas explica, a meu ver, a profunda indiferença manifestada pelo público em relação aos nossos teatros. Ao passo que as repúblicas do Prata sustentam annualmente um teatro italiano, tres ou quatro nacionais, e uma companhia francesa, nós apenas podemos apresentar ao estrangeiro o *Aleazar* e o *Gymnasia*!

Má estrela persegue as coisas d'arte neste paiz. Parece que nemhum se lembra mais dg o grão de civilização de um povo aquilatado polo culto, que elle tributa às sciencias e às artes.

A que atribuir este indiferentismo: este desanimo por tudo quanto ha de muito bello no mundo? A decadência das artes entre nós?

Mas se a decadência se manifesta em tão grande escala, não deveria o publico evitardar todos os seus esforços para impedir tal manifestação?

Não proseguirei neste assumpto. A reacção hâde apparecer um dia.

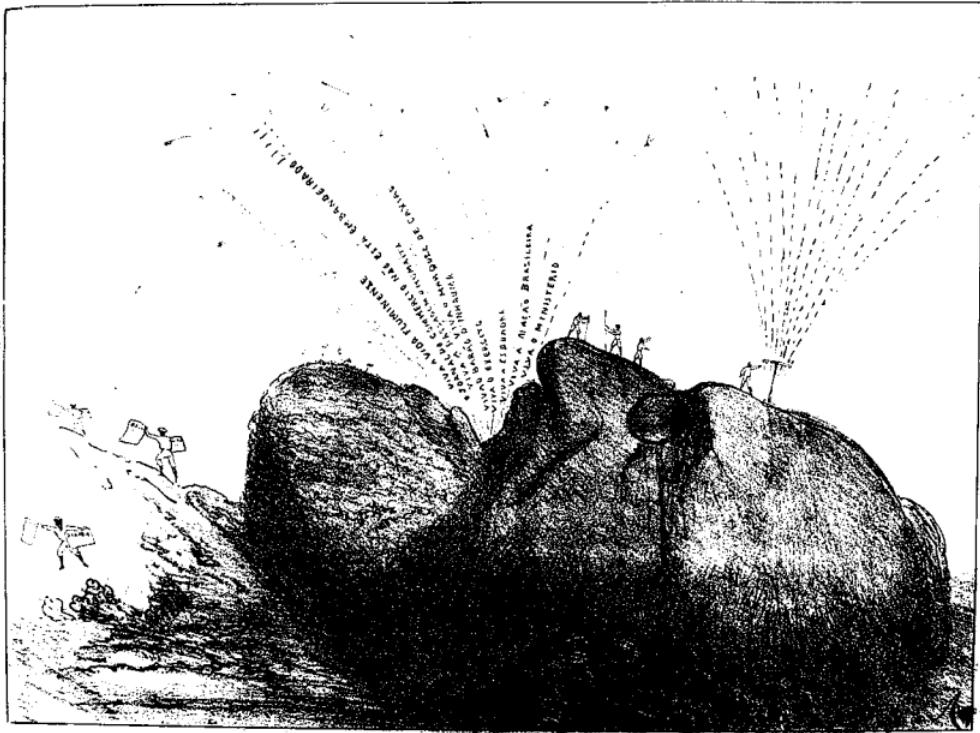
Aguardemo-la e façamos votos para que daqui até lá os poucos espectáculos, que ainda restam, possam pelo menos sustentar-se na altura, em que estão.

\* \*

O Eldorado fechou as portas.

E a terceira vez, em menos de dous annos, que os apuros financeiros uitram por terra com as empresas illi establecidas. Lá ficam de novo a elegante sala e os espetaculos jardins à mercé das companhias ambulantes e de um ou outro espectáculo do nosso inimitável Vasques!

E' para nâm fora de dúvida, que os artistas contratados pelo Sr. Labrunie entraram todos no Brasil com o pé esquerdo: nem posso explicar a causa da outra forma.



## VOLCÃO PATRIÓTICO

fixar a vista em Diana, e só então aperceberam-se que ella era realmente, depois de Adrianna, a mulher mais bela e sympathica que elle jamais viria. Diana, parecia uma dessas nymphas que os poetas fazem sorrir em suas eglogas; séria, era imponente como uma princesa.

— Como é linda! murmurou elle.

— E só agora foi que viste isto? disse Reinaldo sorrindo.

— Errado, porque é que eliama tanto para Adrianna exclamou Armando, que de boa mente desejaria que todos os homens só tivessem olhos para Diana.

Os mil sentimentos confusos e cruciantes que o atormentavam quando Pappenheim chegou à *Grande Favela*, reapareciam mais intensos, mais cruéis do que nunca. Cada dia tinha velleidades de dar cabo de alguém. Ora queria matar um fidalgio do Finlândia que conversou com Adrianna; ora tinha impetos de provocar um titular de Pomerânia, com quem elle dançou.

Reinaldo também se apaixonara. Por mais que quisesse não podia deixar de olhar para Diana.

— Será possível, dizia elle às vezes, que tnes bellos, dentes tão bellos, mãos tão delicadas, fronte tão pura e boca tão mimosa, pertençam a uma hereje? Em que estariam pensando os santos do paraíso, quando consentiram semelhante anomalia?

Numa noite, entrando com cara lugubre no quarto de seu amigo, disse:

— As novenas e os cirios já não bastam; preciso confessarme. Caí no laço do inferno; apaixonai-me por uma herege.

— Tú?

— Eu mesmo! Minha alma foi tentada pelo demônio; mas, ainda que eu morra, hei-de exorcisar-a. Santa Estocada, minha padroeira, suggerio-me uma grande idéa!

— Qual é ella?

— Sabes que estou louco d'amor pela filha do marquez. Pois bem, von deside já habituar-me a amar outra mulher. É uma penitencia que me impõem. Esta outra mulher está aqui.

— No castello de São-Wast?

— Sim. É uma moça que dizem ser viúva.

— A baronessa do Igromer?

— Ela mesma. A baronessa tem apenas vinte e cinco anos. Bem vés que é uma penitencia bem bonita; por isso meu castigo será mais completo.

Armando deu traços no espírito para ver se comprendia, como os encantos da baronessa poderiam punir radicalmente Reinaldo, e em quanto buscava a solução do enigma, Chaufontaine borriava os natos, os cabellos, o lenço, e a roupa com alguma cheirosa e partiu para ir conegar sua penitencia.

Achava-se por esse tempo, no castello de São-Wast,

um jovem fidalgio, natural de Brabante, contra o qual Armando nutria um odio muito especial. Dizia-se que o jovem fidalgio pertencia ao exercito, que o imperador Fernando puzerá sob as ordens do famoso e invencível conde de Tilly.

O barão João de Werth, pela maluca do olhar e magnificencia em que vivia, fazia lembrar o conde de Pappenheim; mas sobrelevava este na jactanca e desenvoltura, que contrastavam muito com a intrepidez de que dora sempre inequivocas provas, nas, muitas batalhas em que entrara e onde fora ferido mais de dez vezes.

João de Werth tinha o olhar atrevido, a linguagem caustica. Seus alemães, cheios de insolencia e de ostentação, davam-lhe um certo ar de brutalidade, o trato da corte ninda não tinha podido dissimular. Nelle se reuniam: a soberba dos templarios, a gabolice dos cavaleiros de industria, o gongo irascivel dos fideiusteiros, e a impertinencia e espirito de um rico cortezão. Armando estava de sobreaviso com elle, porque lhe pareceria que encarava muito Adrianna. Por seu lado, Chaufontaine assegurava que o barão de Werth não perdia de vista Diana.

O peior é que faziam ambas bem triste figura porto do fidalgio de Brabante, cujos algeboiras semelhavam tonel das Danças, com a diferença que, se o vaso mythologico nunca podia ficar cheio, a bolsa de João de Werth nunca podia cansar-se.

Costumava-se jogar forte no castello de São-Wast. João de Werth, que parecia ter descoveredo algumas uma mina de ouro, ganhava e perdia somtas immensas com a maior impossibilidade. Uma noite jogava elle com um fidalgio norueguense. Chaufontaine, que se achava proximo da mesa, fazia votos, consigo mesmo, para que o norueguense ganhasse.

— Não aposta, marquez? perguntou João de Werth, voltando-se para Reinaldo.

Este, sem responder, sentou-se e pôz sobre a mesa duas moedas de ouro, que perderam instantes depois Armando, que procurava todos os dias pretextos para não jogar, encarou-o admirado; mas Reinaldo ganhava-as caras com a calma de um jogador consumado.

A principio foi-lhe propriedade sorte. Ganhou muito. João de Werth sorria e tirava novas moedas de uma comprida bolsa de seda, que parecia não ter fundo.

De repente cessou a felicidade. O ouro começou a voltar para os natos do barão.

— Talvez fosse melhor freamos aqui. Não acha? disse João de Werth em tom de mofa.

Reinaldo quis continuar e perdeu as ultimas moedas que possuia; entao, dirigindo-se a Armando, disse resolutamente:

— Meu caro de La Guerche, empresta-me tua bolsa! Armando hesitou, mas vendo que seu amigo insistia-

tin, tirou uma magra bolsa das profundidades mais secretas do seu gabinete e murmurou, sussurrando um suspiro:

— Bala!

Reinaldo abriu a bolsa, que continha apenas alguns dados. A luta recomeçou; porém que podiam fazer tais recrutas contra tropas aguerridas e numerosas? Instantes depois, não tinha Chantfontaine nem uma moeda diante de si.

Uma ou duas horas depois voltaram os dous amigos para o apêamento comum. Armando examinou a sacola de viagem, e, achando-a de todo vazia, interrogou com o olhar Reinaldo.

Este respondeu:

— Que queres? Estamos como o lindo amor! E tão longe da França!

— Isto é que é o pior!

E ambos deram uns tremendo gargalhada.

Para explicar semelhante hilaridade, convém dizer que naquele dia ninguém havia dançado com Adriana, e que Reinaldo, depois de haver cuidadosamente olhado em torno de si, tinha apalhado e escondido no seio uma fita cabida do cabelo de Diana.

Armando abriu a janelas. O rexinxim cantava proximo. O som de uma cithara, mais suave ainda, fez-se ouvir.

— Conheço estes suspiros harmoniosos, disse Reinaldo; ouvi iguanas na estalagem da Cruz de Malta.

Armando embuçou-se no capote e saiu, dizendo:

— Também eu.

— Sales? Acompanho-te. A encantadora Igomer teve piedade de mim e consentiu esperar-me hoje. Vou comemorar minha penitência.

Transposta a porta, os dous amigos separaram-se, esgueirando-se cautelosamente.

A cithara suspirava sempre. Uma luz brilhava na janelas da baroneza de Igomer.

Enquanto os dous namorados se entregavam às suas expansões amorosas, um lacaio, na outra extremidade

do castelo, introduzia João de Werth nos quartos do marquez de Pardailan.

João de Werth já não era o mesmo homem de sorriso sardônico, gesto violento, voz aspera. Tinha a atitude de um general ou de um embaxiador. Viajou sobre a mesa, de frente da qual estava em pé, numa cunha aberta.

O Sr. de Pardailan a lia pela segunda vez.

— Agora sabe o que me trouxe à Suecia, disse João de Werth. Não se faz mister, creio eu, declarar que é muito importante a missão que se dignou de confiar-me meu soberano, o imperador da Alemanha.

— Não de certo.

— Posso então contar que estes papéis serão presentes a El-Rei Gustavo Adolpho, vosso amo?

— Sel-o-ho, ainda que, francamente, eu não tenha muita esperança que sejam aceitas semelhantes propostas.

— Que? Uma aliança secreta entre os dous estados? A facultável para a Suecia de engrandecer-se do lado da Polónia e da Itália, e até mesmo quem sabe? a possibilidade de reunir sob a mesma cinta as províncias da Dinamarca? Não é esta uma oferta digna de seduzir o espírito guerreiro de vosso rei?

— Gustavo Adolpho, bem o sabeis, pertence à religião reformada, e o Imperador Fernando é servidor declarado do Papa.

— Protestante, pois sim; mas Gustavo Adolpho é principe, e, por conseguinte, ambicioso.

— Engana-se, senhor, disse Pardailan com alvez. O rei, meu amo, é suco e protestante, e não é mais uma causa de que outra. Respeita tanto seu paiz como sua religião.

João de Werth sorriu.

— Julga então que o imperador Fernando se esquece nessa que é bom cathólico? Mas nem por isso deixa de ligar-se a um protestante quando encherá n'issô interesse.

(Continua).

## A VIDA FLUMINENSE

mudou o seu escriptorio para a

RUA DO OUVIDOR N. 52

PRIMEIRO E SEGUNDO ANDAR

onde estão montados os prôlos lithographicos, que mandou vir directamente da Europa.  
A VIDA FLUMINENSE encarregue-se, por preços moderados, de todo e qualquer trabalho relativo à lithographia.